

Como A Rede Coque Vive Se Articula Para Estimular A Resistência Dentro Da Comunidade?¹

Jéssica Lopes²
Ketheryne Mariz³
Maria Regina Jardim⁴
Mateus Moraes⁵
Tereza Eickmann⁶
Carla Teixeira⁷

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

Resumo

Esta pesquisa busca esclarecer a relação de pertencimento existente na comunidade do Coque e como a Rede Coque Vive contribuiu para este sentimento. Os laços afetivos com o local onde residem faz com que moradores busquem por melhorias em políticas públicas para a área. Para o desenvolvimento da pesquisa, a principal técnica utilizada será a de pesquisa direta, por meio de entrevistas. O Coque é um lugar estigmatizado pela mídia como perigoso e violento, mas, por outro lado, a comunidade está em constate visibilidade de construtoras por estar dentro de uma Zona Especial de Interesse Social (Zeis).

Palavras-chave

Rede Coque Vive; Coque; Pertencimento; Identidade; Estigma da Violência.

1 Introdução

¹ Trabalho apresentado no IJ 07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016.

² Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: jessicalopesdeoliveirs@gmail.com

³ Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: ketherynefonseca@gmail.com

⁴ Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: mariareginajardim@gmail.com

⁵ Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: mateusmoraes.scavalcante@gmail.com

⁶ Estudante de graduação do 5º semestre do Curso de Jornalismo da Unicap, email: tecaeick@gmail.com

⁷ Orientadora do trabalho. Doutoranda em Design pela UFPE. Professora Assistente 2 dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Jogos Digitais da Unicap, email: carla.teixeira3@gmail.com

1.Introdução

Segundo o antropólogo e sociólogo americano Robert Redfield, comunidade é um agrupamento distinto de grupos humanos que possui definição de onde começa e onde termina (REDFIELD, Robert. *Little community and peasant society and culture*. University of Chicago Press. Chicago. 1989. p 25). Pertencer a uma comunidade significa renegar parte de nossa individualidade em nome de uma estrutura montada para satisfazer necessidades de intimidade e de construção de identidade (BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, RJ. 2003. p. 10). Neste sentido, ele explica que a construção dessa fronteira entre o familiar e o estranho é a essência de uma comunidade. É uma ideologia que se baseia na necessidade individual da segurança, do conforto, da familiaridade e do sentimento de pertencimento. Esse pertencimento, que pode ser temporário ou permanente, “é a crença subjetiva numa origem comum que une distintos indivíduos”. (AMARAL, Ana Lúcia. *Dicionário de Direitos Humanos*. Escola Superior do Ministério Público da União - ESMPU. São Paulo, SP. 2006. p.13)

A comunidade do Coque, localizada no centro da cidade do Recife, é reconhecida como um grupo que desenvolve suas próprias atividades, produz e mantém laços, cujo significado é dado pelos moradores em suas relações sociais. O local lida com diversos problemas - desde o acesso à educação até a infraestrutura básica como saneamento - e é, também, vítima de preconceitos devido ao estigma de violência existente sobre o bairro.

Esse quadro negativo de representações sociais foi enfrentado durante 10 anos através de ações articuladas pela Rede Coque Vive. O grupo se definiu como um conjunto de práticas sociais que tencionaram estruturas de poder no que diz respeito não só à grande mídia, mas aos valores e propósitos da população recifense em relação aos espaços mais carentes da cidade. A Rede Coque vive reivindica outra forma de retratar o Coque, ao tentar fazer com que a cidade “encontre a si mesma” e, assim, derrube os “muros invisíveis” que formam essa barreira de preconceitos com o local (VASCONCELOS, Rafaela de Melo. *Relações e novas configurações numa comunidade do Recife: a experiência da Rede Coque*. UFPE. Recife, PE. 2011. p.6).

Por meio das atividades e experiências proporcionadas pela Rede, os moradores do Coque puderam desenvolver os laços afetivos já existentes com a comunidade e com os

integrantes desses movimentos. Ao estabelecerem estas relações pessoais, há uma ampliação dos espaços de convivência, que trabalham a pluralidade de ideias e de comportamentos, respeitando não só as necessidades e interesses individuais, como as do coletivo. Esse desenvolvimento de conhecimentos, comportamentos e ideias auxilia na inclusão do indivíduo na vida política, social e cultural, compreendendo a possibilidade de interferir na rotina das atividades da comunidade e nos rumos da cidade.

Partindo deste contexto, este artigo tem como objetivo explicitar as estratégias utilizadas pela Rede Coque Vive no restabelecimento e continuidade da relação de pertencimento e autoestima dos moradores do Coque em relação ao lugar que habitam. A metodologia utilizada se baseia na análise de materiais audiovisuais, entrevistas que seguem a orientação qualitativa e conteúdo bibliográfico dos seguintes conceitos norteadores: pertencimento (Jorge Bondía), territorialidade (Claude Raffestin), identidade (Antônio de Costa Ciampa) e representações sociais (Serge Moscovici).

2. Fundamentação Teórica

No Brasil, pelo fato de haver grandes índices de desigualdade social, o sentido de comunidade muitas vezes é vinculado aos bairros mais pobres, esquecidos pelo poder público nas grandes capitais. Neste contexto de abandono, o sentimento de pertencimento a uma comunidade pode ser o fator crucial para o desenvolvimento de políticas públicas de uma gestão municipal. Tal sensação de pertencimento pode ser fortemente prejudicada ou resgatada pelos meios de comunicação. Após anos de veiculação de notícias de violência por parte da mídia, o sentimento não se dizimou, mas foi dilatado. O Coque é um bairro historicamente feito de moradores resistentes. Moradores que tem orgulho da comunidade e da história e que muitas vezes já precisaram intervir para evitar mudanças drásticas na comunidade. Já conseguiram barrar um projeto de um shopping que seria construído na área.

O comportamento dos moradores do Coque e a sua ligação com os ativistas da Rede Coque Vive, que também é constituída por moradores, podem ser explicados através do pensamento da socióloga Raquel Paiva.

A palavra comunidade tem aparecido como investida de um poder de resgate da solidariedade humana ou da organicidade social perdida. Mas a solidariedade implícita na proposição comunitária nada tem a ver com

os imperativos morais da ética humanista. Solidariedade é, em termos de comunidade, uma verdadeira estratégia dos que, por viverem na escassez ou à margem, constroem um saber particular do convivialismo e de experiência local. Esta última vem se oferecendo como uma espécie de sementeira de novas instituições públicas, capaz de referenciar os contatos em termos de uma nova forma de Estado” (PAIVA, Raquel, O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo. Vozes. Petrópolis, RJ. 1998. p.19).

O jornalista pernambucano Chico Ludermir, atuante na Rede Coque Vive, explica que o grande objetivo dos movimentos sociais, entre 2007 e 2013, era o de reafirmar o orgulho e o direito dos moradores como moradores da localidade, que em 2013 teve novos problemas com o Estado, pois, em nome da “mobilidade urbana”, mais de 58 famílias receberam cartas de desapropriação de suas casas para o sistema viário de acesso ao Terminal Integrado Joana Bezerra ser implantado (FERREIA, Francisco Ludermir. Sobre a existência da Rede Coque Vive. Recife, 2016).

3. Histórico

3.1 Coque

De acordo com a doutora em Geografia Humana pela USP Regina Bega dos Santos, entre 1977 e 1981, diversas associações de moradores foram criadas no Recife, inclusive o Coque (SANTOS, Regina Braga. Movimentos sociais Urbanos. Editora Unesp. São Paulo. Ed. 1, p. 176, 2008). Muitas são as histórias sobre a origem do nome do bairro. No livro Uma das versões seria um termo originário da língua inglesa: o carvão “Cook” era usado em trens e usina termelétricas e, após ser queimado, era jogado nas redondezas. Com o tempo, o “Cook” tornou-se Coque (CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros. Editora Câmara Municipal do Recife. Recife, 1998). Outra história popularmente dita é de que a comunidade recebeu o sobrenome de Gaspar Coque, dono de uma olaria e terras anexas ao local. A versão de moradores é a mesma da tese do pesquisador Alexandre Simão de Freitas: a região era repleta de Coqueiros e com o tempo passou a ser conhecido por Coque.

A comunidade atualmente passa por três bairros da região central do Recife: Joana Bezerra, Cabanga e São José. Está situada em uma Zona Especial de Interesse Social (Zeis), ou seja, em uma zona estratégica da capital pernambucana. A comunidade é

habitada basicamente por pessoas de classe baixa; por este motivo, os moradores afirmam que o governo, ao invés de melhorar sua estrutura, expulsa anualmente alguns moradores. Obras em detrimento da população local são realizadas, sob a alegação de que é para melhorar o desenvolvimento da cidade.

Além de enfrentarem problemas comuns a comunidades carentes na Região Metropolitana do Recife – a exemplo de questões de saúde, educação e saneamento –, os moradores do Coque conviveram com o estigma de violência em seu território. Por anos, as representações midiáticas retrataram o Coque como um lugar dominado pelo tráfico de drogas e números vultosos de homicídios. Isto fez com que a comunidade se tornasse repudiada por moradores de outras regiões do Recife.

3.2 Rede Coque Vive

Diante desta realidade, em 2006, grupos sociais formados por moradores do Coque e uma turma de pesquisadores de um curso de extensão de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) se uniram para, inicialmente, produzir representações midiáticas alternativas às das grandes empresas de comunicação locais, questionando o estigma atribuído ao Coque e discutindo questões relacionadas à comunidade. Denominado Coque Vive até 2013, o projeto ganhou proporções maiores e posteriormente adotou a alcunha de Rede Coque Vive. O grupo de colaboradores existiu por quase 10 anos, tendo suspenso as atividades em 2015. Era formado por três instâncias: os pesquisadores da UFPE e dois coletivos locais: o Núcleo Educacional Irmão Menores Francisco de Assis (Neimfa), associação que atua há três décadas no local, e o Movimento Arrebrandando Barreira Invisíveis (Mabi), uma articulação de jovens moradores que desenvolvem trabalhos sociais ligados à música.

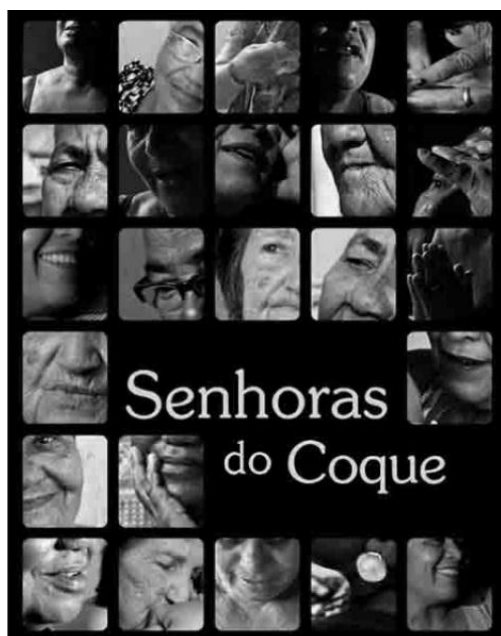
Tendo o Coque como protagonista desta luta, a Rede Coque Vive buscou dialogar com a cidade, abordando as relações entre os sujeitos que a habitam e seus espaços periféricos. A partir daí, criou-se um questionamento acerca da forma como a grande mídia reproduz casos de violência no local, reforçando apenas estigmas negativos. Também foi desenvolvido o papel das comunidades na produção das suas próprias representações midiáticas. Conteúdos veiculados por um jornal comunitário, vídeos, fotografias, exposições, filmes, livros, páginas nas redes sociais e blogs eram produzidos pelos

moradores do Coque. Um olhar de dentro para fora. Os projetos variavam entre puramente formativos (aulas e reuniões) e produtos - como a série de vídeos Centenário do Sul (2010), a animação .Zip (2011), o livro Senhoras do Coque (2011), o longa-metragem Memórias da Terra (2013) e os zines desclassificados. (FERREIA, Francisco Ludermir. Sobre a existência da Rede Coque Vive. Recife, 2016).

Memórias da Terra (2013)



Senhoras do Coque (2011)



As pessoas do Coque estavam insatisfeitas com os discursos vigentes da mídia e o ato de narrar-se foi uma forma de libertação de estigmas negativos e de recuperação da autoestima. Foi desenvolvido um trabalho de narrativas diversas com um único propósito:

contar a própria história de uma maneira nova. A rede contribuiu para que os moradores do Coque fossem vistos de forma diferente pelos habitantes de outras localidades e, principalmente, por si mesmos.

4. Análise

4.1. Identidade

A identidade pode ser definida como um conjunto de aspectos individuais que caracteriza uma pessoa. De acordo com a psicologia social, um ser humano é moldado a partir da sociedade em sua volta. Um indivíduo é autor e personagem da história, ou seja, sua identidade contém características que refletem as características dos outros e vice-versa (Ciampa, A. C. Identidade. Psicologia Social: o homem em movimento. Editora Brasiliense, São Paulo, 1984).

Além de características, a identidade de uma pessoa dentro de uma coletividade pode determinar seu valor na hierarquia social em que está inserida. Durante a análise dos vídeos da série Despejo, publicada no Youtube pela Rede Coque Vive em 2013, é possível discernir como os moradores do Coque se identificam dentro e fora da comunidade, e como ela pode ser influenciada por aspectos externos. No primeiro curta, somos apresentados a pessoas que acabaram de receber a notícia da desapropriação de suas residências e estão revoltadas. Elas moravam naquelas casas (de alvenaria) há décadas, gastaram dinheiro com reformas criaram os filhos ali.

No terceiro vídeo, conhecemos a história de Maria Grinauria, 87 anos, que morava em um barraco. A senhora não demonstrou satisfação em vender sua moradia, mas parece bem mais resignada com o fato. “Eu não falei nada. A outra [moradora] recebeu menos que eu”, explica, durante a entrevista. Maria mostra, com seu discurso, acreditar que seu valor, dentro da sociedade, é menor que o das grandes empresas. O fato fica ainda mais claro quando ela declara “se os homens grandes quiserem dar um cantinho para mim, seria melhor. Mas não posso fazer nada”.

Entretanto, para realmente entendermos o que é identidade, devemos ter sempre em mente que estamos em constante transformação, o que sugere pensar nas mudanças que da vida social. Ainda de acordo com Ciampa, “a história é a progressiva e contínua a

hominização do homem, a partir do momento que este produz suas condições de existência, produzindo-se a se mesmo consequentemente” (CIAMPA, 1984, p.68).

Porém, a identidade é comumente apresentada como algo estático, o que camufla seu caráter sempre flexível, mutável, provisório, o que corresponde às mudanças contínuas ocorridas tanto no plano das relações sociais, do desenvolvimento tecnológico e das articulações da história de vida pessoal com o funcionamento da sociedade, seus equipamentos culturais (estudo, trabalho, crenças, ideologias etc.).

4.2 Território e Territorialidade

A relação entre o homem e o espaço vai muito além do que a limitação de um local para se viver. Território é tudo aquilo que delimita um espaço geográfico. Territorialidade é o laço e a afetividade que existe nessa apropriação territorial. Enquanto o território está diretamente ligado ao espaço, a territorialidade se justifica como as relações vividas diariamente por quem ali mora.

O conceito de território tem as raízes, para a geografia, nas obras Antropogeografia (1882) e Geografia Política (1897) do alemão Friedrich Ratzel. Um dos autores que questionou os argumentos de Ratzel foi Claudes Raffestin. Ele teria quebrado com o paradigma ratzeliano, em que a análise territorial volta-se apenas para o Estado e exclui o restante das organizações dotadas de poder político. Para ele, “a territorialidade humana não é apenas constituída por relações com os territórios, mas também através de relações concretas com áreas abstratas, tais como línguas, religiões, tecnologias” (RAFFESTIN, Claude. Repères Pour une Théorie de la Territorialité Humaine. Cahier. Groupe Réseaux, 1987. p. 267). Analisando a frase e observando a comunidade do Coque é possível identificar que os moradores do bairro são atores sociais.

A resistência por moradias dos que residem no Coque é vista no primeiro vídeo da série “Despejo” (2013), série produzida em decorrência da Copa de 2014. Cerca de 60 famílias foram desalojadas para a ampliação do sistema viário de acesso ao Terminal Integrado Joana Bezerra. No primeiro vídeo da série, por exemplo, uma residente do Coque identificada apenas por Chica lamenta: “Foram até minha casa e fizeram medições sem eu estar presente. Acredito que as coisas não podem acontecer assim, de forma avulsa”. As

constantes ordens de saída do local promoveram um estreitamento de laços ainda maior entre os moradores. O interesse comum de continuarem residindo em suas casas também fortaleceu a relação afetiva com o Coque. Assim como o pertencimento, o sentimento de territorialidade estreita os interesses comuns visando um bem estar coletivo. “O homem coletivo sente a necessidade de lutar”, a frase de Chico Science, presente na faixa Monólogo ao Pé do Ouvido, do álbum Da Lama ao Caos, pode traduzir de forma simples o significado da palavra territorialidade.

4.3 Pertencimento

Nos dicionários da Língua Portuguesa, a palavra pertencer vem associada, entre outras, às ideias de “formar ou fazer parte”, “ter relação”. Do citado verbo, deriva-se o termo “pertencimento”, cujo significado, também relacionado à expressão “sentimento de pertencimento”, é a ideia de uma origem comum que une distintos indivíduos (AMARAL, Ana Lúcia. Dicionário de Direitos Humanos. Escola Superior do Ministério Público da União - ESMPU, São Paulo, 2006). Pessoas que compartilham do sentimento de pertencer a uma mesma origem dividem, também, a consciência de serem membros de um mesmo grupo associado a um elemento em comum - como um território, uma língua, uma cultura.

No caso dos moradores do Coque, a sensação de pertencimento vem relacionada à territorialidade, ou seja, a transformação de um local físico em espaço íntimo de intenso convívio, onde as pessoas estreitam laços e compartilham interesses (SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1988). Mesmo enfrentando graves problemas estruturais, os habitantes da comunidade enxergam o Coque como o lugar onde se construíram histórias. Eles se veem como parte dele.

A sensação de pertencimento demonstra uma necessidade humana de se sentir pertencente a algo maior do que a própria individualidade, uma necessidade de coletividade. Para os habitantes do Coque, é uma necessidade de se sentir pertencente ao local e sentir que o local também pertence a si. Assim, desenvolve-se a crença de que a interferência individual ou coletiva terá efeito positivo. Integrante da Rede Coque Vive durante toda a existência do movimento, o jornalista Chico Ludermir defende que os

habitantes do Coque já possuíam o sentimento de pertencimento mesmo antes da atuação da rede no local (FERREIA, Francisco Ludermir. Sobre a existência da Rede Coque Vive. Recife, 2016). Em diversos projetos do movimento social, a teoria do ativista é confirmada.

No projeto “Não Saio Daqui Porque”, idealizado por um grupo de estudantes do curso de design da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e realizado no Coque em 2013, habitantes anônimos justificam a resistência a sair do lugar onde moram. A mobilização foi registrada num vídeo publicado na plataforma Vmeo. Entre as explicações, frases como “Aqui é nosso lar” e “No Coque, há uma história” comprovam o real sentimento de pertencimento dos moradores. Depoimentos de pessoas não identificadas que participaram do projeto também reforçam a ideia, por exemplo: "Não saio daqui porque foi onde os meus sonhos começaram. Tudo que aconteceu na minha vida foi devido ao Coque. A gente só tem dignidade se a gente souber de onde veio" ou "Não saio daqui porque ajudei a construir esse espaço. Tenho 48 anos de idade e 48 anos de Coque. O Coque tem um pouco de mim”.



A série de vídeos “Despejo” (2013) também explicita a sensação de pertencimento experimentada pelos moradores da comunidade. Em uma das gravações, moradores identificados apenas pelo primeiro nome lamentam o fato de ter que deixar de morar no Coque: “Moro na comunidade há 38 anos. O Coque é o meu lugar. Minha casa não é só minha cara, é a minha vida, o meu castelo. Só de pensar em ir embora, tenho vontade de me matar” (Chica) ou “A minha casa, o lugar onde moro, é tudo que eu tenho” (Josedete).

Em todos os casos exemplificados, o morador do Coque se expressa demonstrando não cogitar sair do local, onde passou a maior parte da vida. As pessoas compartilham interesses em comum de permanecer e provocar mudanças no local. As interações com o lugar e as pessoas que nele habitam passam a ser parte importante da construção da

identidade do indivíduo. O Coque e as famílias e pessoas que dividem seu território há décadas passam a se ver como um organismo.

4.4 Representações sociais

A percepção que temos sobre como ocupamos o mundo é diferente de como somos vistos por outros indivíduos. Ela, assim como nossas ideias e atribuições, é resultado dos estímulos do ambiente físico ou quase físico em que vivemos (MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: Investigações em psicologia social. Vozes. Petrópolis, 2010. p.30). As imagens que construímos das pessoas é resultado de um agrupamento de características como predisposição genética, hábitos, recordações preservadas e categorias culturais (MOSCOVICI, 2010, p. 33). Para Moscovici, estas recordações e memórias formam uma cadeia contínua de quem somos e como nos reconhecemos. A ideia de termos uma preconceção do mundo à nossa volta faz com que já tenhamos uma expectativa em relação ao mesmo. Lemos o mundo de uma forma que foi pré-determinada pelo nosso passado e, neste passado, há uma soma de passados antes de nós. A comunidade do Coque, por exemplo, originária de uma área de aterramento de mangue, portanto de risco, foi esquecida pelas autoridades e lembrada frequentemente na mídia, principalmente nas páginas de polícia dos jornais, que relatavam casos de violência cometidos por alguns moradores. A veiculação destas notícias foi responsável pela criação de um estereótipo de comunidade violenta e essa representação, segundo Moscovici (2012, p.54), faz com que a sociedade espere que os fatos se repitam - as mesmas situações, gestos e ideias, perpetuando uma imagem e trazendo consequências negativas para o bairro.

A jornalista Maria Socorro Peixoto explica que, apesar das dificuldades, os moradores acreditam no potencial do Coque e, ao trabalharem no fortalecimento cultural da comunidade, as condições negativas são superadas e novas perspectivas de projetos coletivos são apontadas (PEIXOTO, Maria Socorro. Sobre a comunidade do Coque. Recife, 2016). O projeto Rede Coque Vive, responsável pelo Cine Coque Vive, que consiste da exibição de vídeos-debate na Biblioteca Popular do local e de exibições de filmes na rua, auxilia na criação de espaços de convívio e aprendizado. Por meio da linguagem cinematográfica, reforça a autoestima e os valores culturais da comunidade e estimula a construção de suas próprias representações. Esta e outras atividades têm como

alvo todos os moradores do Coque, principalmente os mais jovens, para que se sintam motivados a lutar por melhores condições de vida e exigir mais respeito da mídia e da sociedade na representação do lugar onde moram. Afinal, além da pobreza e da violência, existem muitos aspectos positivos e motivos de orgulho na comunidade, como coragem, força de vontade e solidariedade, esperando para serem reconhecidos (PEIXOTO, 2016).

Os estigmas e representações sociais do Coque exercem um contínuo domínio sobre os indivíduos e, para Moscovici, a influência é de condição normativa de conduta dos indivíduos em sociedade, mas vai além disso quando tem impacto nos modos de sentir das pessoas. As representações nascem das crenças de determinado grupo social e seus alvos tendem a reproduzir uma realidade social criada devido à pressão que recebem, o que é valorizado no ambiente.

4.5. Análise do Discurso

Qualquer ideologia e fala trazem consigo uma bagagem histórico-social repleta. Esta, proveniente de experiências, reflexões e interpretações, é responsável pelas ideias e pelos conceitos que cada indivíduo desenvolve ao longo da vida. Portanto, é possível afirmar que nenhum discurso é completamente original. A história de vida e o conhecimento que cada um vai adquirindo com o passar dos anos é responsável pela formação dos valores e ideologia de cada cabeça pensante.

As categorias utilizadas para analisar o discurso dos moradores do Coque que fizeram parte da Rede Coque Vivem ou participaram de suas atividades serão o *Interdiscurso* e o *Intradiscurso*, os quais Eni Orlandi assim define:

“Interdiscurso: é a memória discursiva (o saber discursivo que torna possível todo o dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível) (ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Editora Campinas. Pontes, 2001. p. 30). O intradiscurso - seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas” (ORLANDI, Eni, 2009, p. 33)

É possível afirmar que o interdiscurso é exatamente a bagagem ideológica que cada ser humano carrega consigo, ou seja, a oração é originada a partir da expressão da

perspectiva de cada pessoa. Todo discurso é gerado a partir de dois fatores. Essa memória que Orlandi se refere é o primeiro fator responsável de articular o discurso. O segundo fator é o momento histórico. A memória discursiva de muitos moradores do Coque é baseada em histórias de dificuldades contadas pelos pais. Na publicação *Senhoras do Coque*, de 2011, uma moradora de 68 anos, identificada como Dona Paulina, afirma: “Sempre morei no Coque. Meu pai e minha mãe vieram do interior para cá. Meu pai era de Caruaru; minha mãe, não sei. Eles falavam que aqui era mangue e as pessoas vinham chegando, aterrando e fazendo suas casas” (FERREIRA, Francisco Ludermir; PEIXOTO, Maria Socorro Liberal; VASCONCELLOS, Rafaela de Melo. *Senhoras do Coque*. Narramundo. Recife, 2011). A idosa é uma dos milhares dos moradores da localidade que carregam no sangue a ascendência do interior pernambucano.

As origens do bairro ajudam a contextualizar a dura realidade em que a população vive. A violência existente no local é originária do narcotráfico, mas esse não é o fenômeno social que mais preocupa os moradores, embora os grandes veículos de comunicação tratem dessa forma. Segundo os próprios residentes do Coque, as desapropriações, o descaso e o esquecimento do poder público são os principais fatores que fazem as pessoas da comunidade sentirem medo - de perderem suas casas, por exemplo. No primeiro vídeo da série *Despejo* (2013), Oberdan Torres, morador do Coque há 38 anos, conta: “Não sei há quantas décadas [eu estou aqui] e eles [Governo do Estado] só vem perceber isso agora? Eu me senti agredido”.

O Coque é um bairro historicamente aguerrido e combatente das injustiças sociais. Os moradores narram diversos momentos em que dizem terem sofrido injustiças, como em 1975, quando um projeto de readequação urbanística para evitar cheias tirou moradores da comunidade, deslocando-os para os bairros do Ibura e do Jordão, locais afastados do centro da cidade. Outro episódio lembrado pela população aconteceu em 1980, em que quase 700 famílias foram expulsas do território para dar continuidade às obras de construção do Metrô do Recife. Além do empoderamento e da mobilização dos demais moradores da comunidade, o trabalho da Rede Coque Vive consistiu em resgatar histórias de resistência e apontar tais injustiças há muito tempo não mencionadas.

5 Considerações Finais

A Rede Coque Vive representou uma forma organizada de reunir as vozes pertencentes ao Coque e, assim, fortalecer a ação coletiva local. A proposta de fazer com que os moradores atuassem de forma mais engajada e sistemática, participando de atividades conjuntas e vivenciando o espaço geográfico, resultou num fortalecimento da sensação de pertencimento e na transformação da forma com que eles se viam diante do espaço que ocupavam. O desenvolvimento dessas ações permitiu a inclusão dos indivíduos na atuação política e social, fazendo com que comesçassem a interferir na rotina da comunidade, além de intervir nas políticas públicas da cidade. Por outro lado, após diversas formas de protesto, os grandes veículos de comunicação deixaram de retratar o Coque apenas com o antigo estigma de violência e insegurança e começou a mostrar um outro lado - positivo, de coletividade - da comunidade. Desse modo, grande parte da população da cidade passou a enxergar o local de forma diferente, de onde brotaram e brotam manifestações culturais, sociais e políticas.

6 Referências bibliográficas

- AMARAL, Ana Lúcia. Dicionário de Direitos Humanos. Escola Superior do Ministério Público da União - ESMPU. São Paulo, SP. 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, RJ. 2003.
- CAVALCANTI, Carlos Bezerra. O Recife e seus bairros. Editora Câmara Municipal do Recife. Recife, 1998
- CIAMPA, Antônio da Costa. Identidade. Psicologia Social: o homem em movimento. Brasiliense. São Paulo, SP. 1984.
- FERREIA, Francisco Ludermir. Sobre a existência da Rede Coque Vive. Recife, PE. 2016.
- FERREIRA, Francisco Ludermir; PEIXOTO, Maria Socorro Liberal; VASCONCELLOS, Rafaela de Melo. Senhoras do Coque. Narramundo. Recife, PE. 2011.
- MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: Investigações em psicologia social. Vozes, Petrópolis, RJ. 2010.
- ORLANDI, Eni. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Editora Pontes. Campinas, SP. 2001.
- PAIVA, Raquel. O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo. Vozes. Petrópolis, RJ. 1998
- PEIXOTO, Liberal Maria Socorro. Sobre a comunidade do Coque. Recife, PE. 2016.
- RAFFESTIN, Claude. Repères Pour une Théorie de la Territorialité Humaine. Groupe Réseaux. Cahier. 1987.
- RATZEL, Friedrich. Antropogeografia. Leipzig, Munique. 1882.
- RATZEL, Friedrich. Geografia Política. Leipzig, Munique. 1897.
- REDFIELD, Robert. Little community and peasant society and culture. University of Chicago Press. Chicago. 1989.
- SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. Hucitec. São Paulo, SP. 1988.
- SANTOS, Regina Braga. Movimentos sociais Urbanos. Editora Unesp. São Paulo. SP. 2008.
- VASCONCELOS, Rafaela de Melo. Relações e novas configurações numa comunidade do Recife: a experiência da Rede Coque. UFPE. Recife, PE. 2011.